

N.º 3

Ano 1.º

DIRECTOR E EDITOR — L. RODRIGUES

50 cts.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo da República, 55

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO — Barcelos

Barcelos, 22 de Dezembro de 1929

FRUTA DO TEMPO

QUINZENARIO HUMORISTICO

DESPEDIDAS

Meu caro e paciente leitor, as nossas despedidas. Dirás lá para ti, como bom senso que terás em maior ou menor escala, que melhor seria não ter começado. Terás razão às carradas mas, também pelo nosso lado, não deixaremos de a ter...

Geralmente, estes jornais têm uma vida efêmera graças a exiguidade de recursos, paralelamente de dinheiro e de assunto. Pelo nosso lado, podemos garantir-te, nosso querido leitor, que não foram essas razões que nos mataram o jornal nem, o que poderia parecer possível, qualquer atitude imposta por estranhos, mais ou menos feridos por leves beliscaduras sem agravo nem conseqüências que nós, sem maldade e ingenuamente, distribuimos um pouco por ilustres Barcelenses.

A esses, àqueles que se sentiram melindrados por qualquer graça que, um pouco irreverente, saísse da nossa penna, vão hoje as nossas homenagens.

Desculpamos, temos a certeza, porque os conhecemos e os achamos superiores, na sua esmagadora maioria, a pequeninos ressentimentos mesquinhos, a inofensiva referenda, pois bem sabem de sobre e se não sabem devem sabê-lo de que por educação e princípios, somos incapazes de segunda intenção, utilizando as colunas do jornal, por mais barato que seja, para melindrar, ofender, ou atingir directamente alguém.

Que grande diferença, que formidável contraste

oferece a letra do articulado dum certo paquinsito, quando, na sua imensa graça, não deixa de ferir e ofender, para gaudío dos restantes, aqueles que talvez se agastassem com as nossas leves ironias!

Não queremos continuar, não por cobardia, friemos bem isto, mas por delicadeza. Não temos receios, temos simplesmente escrupulos, escrupulos de podermos ser acusados de iniciar malquerenças, de descobrir ridiculos que agrada não descobrir, de apontar erros que agrada não serem apontados, de citar acontecimentos que folgarão por não serem citados. Já existem, nesta boa terra, linguas diamantinas, que, gratuitamente, se encarregam desses benefícios e nós não queremos fazer-lhes desleal concorrência nem aumentar a sua ação de intriga e de desunião. Se algum desejo teremos seria de ver unidos os que se encontram desavindos, ligados os que se encontram isolados, juntos, solidários, na obra simpática de ressurgimento material e moral da nossa pequena Cidade.

Incitem-se a criar, a iniciar, a desenvolver e não a odiar, a maldizer e a ridicularisar. Uma é a obra de construção, a outra a destruição para o simples. Construamos, pois.

Para que não sejamos apontados por destruidores, malevolamente decerto, retiramo-nos da cena de cara levantada. E' sempre tempo enquanto não é tarde.

ECOS

Um nosso amigo arriscou-se no outro dia a que lhe saísse a sorte grande num vigésimo. Chegou mesmo a haver um certo pânico na bolsa... do dito.

Felizmente escapou de tamanha desgraça.

Os nossos parabéns á familia. Podia ser a desgraça duma casa

Os proprietários dos narizes que não gostaram da nossa graça ultima, garantimos hoje que, por mais compridos que parecessem foi apenas a nossa lente de aumento que os esticou, pois, aqui para nós que ninguém nos ouve, não são assim narizes que mereçam reparo.

São até narizes muito bem formados.

Mesmo que fugissem da normalidade, isso só queria dizer, na opinião dum celebre pitoniza, uma ponta de talento invulgar, a antena de transmissão do sem fios do génio.

Em contra partida, conhecemos criaturas de nariz insignificante que, por miopia natural ou cerebral, não chegam a ver nada a um palmo adiante do referido, o que é bem pouco.



— Toma lá, Joaquina, um frasco de renovador de cabelo... para evitar que te caiam os cabelos na sôpa.

ECOS

Os carecas também não podem fugir ao nosso reparo justicairo, quer disfarçados ou não.

São sempre a prova de que já existiu cabelo no seu lugar e a prova de que existe uma cabeça, onde se apoiam. Chegam mesmo a ser mais higienicas.

As cabeleiras famosas criaram sempre fáunas respeitáveis e incomodas.

Segundo a mesma pitoniza, se não representam o génio puro, representam o bom senso que é o sexto sentido da verdadeira sabedoria.

Caracoles lembrou-se duma forma genial de imortalisar pela estatua o construtor da Retrete subterranea das Barrocas, colocando-a em posição demasiado critica e especial.

Tinha lá nisso as suas razões. Sua Excelencia faz parte dum grupo do pedestal e ficará a olhar para cima e a aguardar os caídos.

O estatuado ficará com os Ridículos na mão, aguardando a ocasião propria de os fazer brilhar.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

No Pelourinho

No Pelourinho da nossa repulsa amarramos hoje, inflexivelmente, um *bezérro remexido* e maldoso que, ás marradas e coices e a coberto dum anonimato cauteloso, bem merece ser marcadao fôgo com o triplice labeu de pulha, cobarde e ladravaz.

Pulha porque, com uma insofrida maldade e desvergonha, não têm escrupulo de manchar com a baba nojenta senhoras indefezas.

Cobarde porque, a coberto do seu anonimato prudente, tem, impunemente, insultado e caluniado, acartelando assim as miserias costelas do contacto vingador dum marmeiro manejado por pulso decidido.

Ladravaz porque, como o salteador mascarado pela calada da noite, assalta a honra alheia e a dignidade de outrem.

Como a marca de fôgo, rubra, incandescente, marca de fôgo a queimar-lhe o coirão peçonhento, aqui fica, para nossa despedida, o nosso protesto e acusação.

Não podemos, contudo, deixar de transcrever do diário lisbonense a «A Gazeta», de 16 do corrente, alguns periodos referentes ao vil *Remexido*.

Na sua carta de Barcelos, o correspondente desta cidade, refere-se assim a esse garôto:

Barcelos, 15 — Editado em Braga, é aqui distribuido semanalmente, a meia duzia de leitores de riso alvar e moral avariada, um pasquim imundo, com pretensões a humorístico, o qual, pela linguagem cinicamente despejada de que usa e abusa, devia estar a contas com a policia ou proibido de circular em nome da moral e dos bons costumes.

O anônimo correspondente deste pasquim, que nos dizem ser um habitué de tabernas vivendo uma vida crapulosa e de quem toda a gente se afasta como de um leproso de gafaria, para se vingar de quem assim o despreza, serve-se das piadas grosseiras e obscenas, como os garôtos se servem da lama das ruas para atirar à cara e sujar os vestidos de gente limpa, não respeitando sexos nem idades.

Entra na vida intima das familias honestas como um gatuno entra na casa alheia. Anavalha e fere a reputação de cavalheiros e senhoras respeitaveis — solteiras, casadas ou vivvas — com a mesma traiçoeira cobardia que um fadista ou apache põe as tripas ao sol a um transeunte descuidado.

Ao senhor Governador Civil recomendamos este caso de moralidade pública.

Locação de pezar... comica

Rapazes da «Fruta do Tempo», eu vos cumprimento com pezar pela próximo desenlace, que o terrível «passamento» da vossa criação.

Quizera fazer-vos um poema que, triunfante como o carro do sol, vos conduzisse á immortalidade, mas não posso.

Perdoai, pois, e remediai com uma quadrinha cada um.

Ao Pereiró dos Alhos

Talentoso sumo-chefe
Que engenhaste maravilhas,
Tu salgaste os barcelenses
Com «frutas» peores que pilhas.

Ao Fifáfe

Com o tamanho que tens
podias ter presunção.
Se bem atiras a «pedra».
Melhor escondes a «mão.»

Ao Homem que passa

Coisas da própria autoria
Quizeste nega-las tu,
Deixando a «camaradagem»
esquecida num baú.

Ao Javert

Victor hugo de policia
Que dás «pinhas» com fatura
Tu tens o «prazer felino»
Com risinhos á mistura...

Ao Eniú

Tua cabeça «careca»
Não tem pelos lá por dentro.
Foge sempre das pádeiras
porque a supdem fermento.

Ao Tic-tac

És a candura em pessoa
E a joia do jornalismo,
Mas deixaste a vocação
Lá na «Tina» do baptismo...

Ao Pst

Esse teu rosto moreno,
Teu coração de veludo,
Mostram «ás gentes» que tens
Alma dum anjo papudo...

Troups.



No leito conjugal

— Chico... ó Chico...
— Hum...
— Já dormes?
— Não.
— Tu já me não estimas tanto como no nosso primeiro ano de casados...
— Pois então não estimo, ora que idea!...
— Ha tanto tempo que ando a pedir-te um vestido de sêda...
— O' mulher, pois tu não vês que eu estou agora a dormir...

Quadras Soltas

A' espera que o Balneario da Santa Casa se acabe, traz meu corpo tanto esterco que nem a forma se sabe.

O' Senhor dos Afritos valei-me nesta invernieira, dai-me um barco em que atravesse o nosso campo da Feira

Por cada molho de couves,
— Até fujo á tentação —
cobra a Camara cinco reis e custa mais um tostão.

Se todos adivinhassem
o que nas costas tu dizes,
enriquecia o Raminhos
na extração de raizes.

Tu não digas, meu amor,
que não tenho nem real,
pois que joguei cinco c'roas
p'rá taluda do Natal.

Horripilante crime

Foi ontem participado á policia desta cidade o aparecimento dum tamanco em adiantado estado de putrefação junto á valeta da Estrada de Ponte Lima. Seguiu logo para o local indicado o agente Custodinho dos Prazeres montado uma bicicleta F N com freios ás 4 rodas, e acompanhado dum zelador que ia a pé e do nosso reporter que levava uma bengala.

Foram encontrar, junto ao caminho de Lijó, um grupo de pessoas discutindo o caso e foi com dificuldade que puderam chegar ao local.

Dentro duma poça de sangue, evidentemente coagulado, jazia o tamanco completamente imovel e num estado perfeitamente lamentavel. Um facio despertou imediatamente a atenção do agente e foi que, a dois metros pouco mais ou menos do sitio em questão, jazia um jornal amarratado parecendo envolver qualquer coisa.

Recollido o tamanco e o jornal verificou-se que, dentro deste, estavam dois ossos de frango e uma lata vazia de sardinhas de conserva.

O jornal era o «Seculo» com data de 3 de Outubro do ano passado.

O agente Custodinho prendeu 17 indivíduos para averiguações.

O calvicida infalível

Sempre há cada tipo neste mundo!... Até fico espantado da audácia de certas criaturas!...

Tive ocasião, ontem mesmo, de encontrar uma dessas audácias.

Eu ainda não sou, positivamente, velho, contudo, começo a deixar fugir os cabelos da cabeça com nma velocidade aterradora, coisa, afinal, que sucede a muito boa gente.

Tenho usado em vão, para êsse efeito, toda a casta de drogas que tem aparecido no mercado e cujo efeito tem sido tam maravilhoso como um sinapismo numa perna de pau.

A principio, andava inconsolável, na inglória tarefa de esticar as reservas, fazendo estupendos milagres capilares.

E, afinal, para que nos servem os cabelos nestas idades? Para nos caírem na sôpa?...

Ora, ontem, como ia dizendo, um cavalheiro bem parecido veio visitar-me e, depois dum atencioso cumprimento e da minha interrogação sobre o objecto da sua visita, começou:

— José Baptista Pintalegrêta de firma Pintalegrêta e Pintarrôcho, Limitada, 10.ª Avenida, 36, 25.º, Esquerdo, Fundo, Chicago, U. S. A.

— Estimo muito...

— Entre outras coisas de variado uso, a minha casa explora a patente da mais extraordinária descoberta deste século, o *Calvicida infalível* que, por todo o mundo, tem dado resultados verdadeiramente admiráveis...

— Mas que vem a ser isso?

— Um preparado maravilhoso...

— Ah!...

— ... para fazer crescer o cabelo!!

— Ponha-se já lá fóra, seu pedaço d'asno... e depressinha... — berrei eu, furioso.

Pois o imbecil não me vinha oferecer uma droga para fazer crescer o cabelo sendo ainda mais carêca do que eu!!!...

Musa Travessa

Nos meus amôres

A Elias!
Aos meus amôres!
(loiras, morenas e belas)
cujos olhos sedutores
vão a surgir das janelas
com mêdo d'apanhar ar,
venho, meus versos sentidos,
com rima sã e medidos,
dedicar!

Quizera
— é tentador!
mas não passa de quimera
criada p'lo meu amôr
em sonhos de primavera —
aspirar, só, mais ninguém,
o perfume estonteante
esqueito e penetrante
que elas têm.

Apenas,
peço perdão,
sejam loiras ou morenas
quero pôr a condição
de que, para evitar cenas
desagradáveis, banzês,
não quebrem o meu encanto
e é tratar já, portanto,
de lavar bem esses pés.

POETA X.

Dois Sonetos

"As cebôlas não aumentam
mais um tostão em quillo"

(Dos fornaes)

Que tragédia se está desenrolando
nesta terra fadada pela desgraça!
Nas lojas, nos mercados e na Praça
as cebôlas comnosco estão mangando...

Passam por elas, pálidas, chorando,
donas de casa a quem as vis devassas;
entre escárnios, carêtas e negaças,
dizem coisas crúeis, d'orgulho impando!

Traficantes! A ilha mais gelada,
semeadá d'abismos e recifes,
eis o que vos daria por corada!

Traficantes, egoistas e patifes!
Nos bifeinhos tão bons... de cebolada,
custa mais a cebola... do que os bifés!

A Lua

O' Lua! O' coisa! O' astro redentor!
Discreta confidente dos amantes!
O' tu que dás tão belas cambiantes
às pétalas mimosas duma flor!

O' halo luminoso! O' belo horror
das feias almas negras dos tratantes!
O' grátis *Bico Auer* dos navegantes,
atende o teu mais infimo cantor.

Se acaso te comove o mal estar
do vate que passou o dia inteiro
imagens rebuscando p'ra te dar,

dá hoje menos luz ao teu luzeiro,
senão, a minha bela ha de notar
... que eu tenho as calças rôtas no trazeiro.

J. Ramos.

Boa Piada...

Dizem-nos que certos mancebos cá da Nossa Terra, eximios na caça e na pesca, resolveram, há dias, ir ás trutas ali para os lados da freguezia da Lama.

Mas, porque a historia era outra, convidaram um velhote, nosso amigo para os acompanhar, e qual o seu espanto quando, em vez da tradicional cana da Índia, um dos novatos empunha um furrão.

Pois bem — diria o velhote — isto pode ser prejudicial para nós, demais que V... é membro... da Venatoria. A coisa correu regular, segundo dizem os entendidos, conhecedores do caso, mas o melhor da história está em que da afurodelá só restaram dois coelhos que, com as multas por transgressão á Lei, frete do automovel e talvez mais despesas, ficaram á razão de 200\$00.

Achamos que ficaram baratissimos estes coelhinhos por se tratar de membros da Commissão Venatoria.

Como não sabemos toda a verdade, ou principalmente o enredo mais particular da scena, deixamos as melhores explicações para serem dadas pelo nosso amigo Neca do Charron, ou pelos benefiteiros que lhe assaparam com os escudos da Lei.

E as trutas?... Irão a elas depois do rio baixar?...

"Tic-tac".

ELETROTHERAPIA

As reuniões da D. Purificação são muito concorridas, graças ao seu chá amavel e ao seu sorriso aromático.

Falou um dia nos usos therapeuticos da electricidade e um cavalheiro muito senhor de si e muito calvo falou da efficacia incontestavel dos choques electricos sobre certas desconcertantes paralisias.

Foi nessa ocasião que um sujeito magro que trazia um luto superior ás suas forças berrou do canto onde se aninhava:

— Por Deus! não me falem em choques electricos...

E, ante o silencio interrogativo dos presentes, o tal snr. magro avançou pausadamente e, depois dum rápido olhar pelos ouvintes, começou:

— Não posso ouvir essas duas palavras sem que á minha memória venha logo a recordação do triste fim da minha amavel sógra (pausa). Bem vejo o sorriso incrédulo dos respeitáveis machos presentes, para quem á sógra se podem aplicar todos os objectivos menos o que por mim foi empregado mas eu afirmo aqui solenemente que a minha era, como tive a honra de dizer, a mais amavel das sógras.

"Não posso dizer se ela assim seria por eu ser um genro digno e respeitador dos meus deveres conjugais se por ela ser paralitica, muda e surda em décimo quinto grau, pois nunca o pude saber.

"A minha amavel sógra, meus senhores, foi aconselhada por um médico do Pôrto de consultorio central ao uso continuado de choques electricos, pois, na opinião desse homem de ciencia, era o único recurso para a cura do seu amavel génio... Perdão!... da sua paralisia, mudez e surdez em decimo quinto grau.

"No dia destinado ao inicio do tratamento — nunca o esquecerei! — minha sogra tomou, á saída do comboio, o eléctrico das onze menos um quarto, acompanhada por uma criada para o seu uso externo mas — ô fatalidade! — o eléctrico em que tomara lugar chocava-se com outro cinco minutos depois e, foi tal o abalo sofrido pela amavel criatura que, apoz duas horas, falecia irrevogavelmente, deixando-me inconsolavel e seu herdeiro universal.

"Eis uma vitima dos *Choques d'electricos!*"

Rodrigues

Coisas com que embirro solenemente

- Com as placas da Rua Direita;
- Com o Centro *Venatório* do Alvaro;
- Com a *barateza* dos impostos;
- Com o integralismo do Dr. Roubado;
- Com o vidrinho do Gil;
- Com o *esquimô* do Barbozinha;
- Com o Rols Royce do J. de Castro
- Com o sono do Dr. Registo;
- Com a Santidade dos Tiagos;
- Com os *Canarios* do Zeca Quintas;
- Com as cuecas rendadas do Vasconcelos;
- Com o Auto-Brinquedo do Neves;
- e com as multas da vigilante policia que me arrazam a algibeira.

Satan

Fome e Companhia

Tragédia num acto

A cena representa uma sala pobre. Ao fundo, na parede, dois chifres de carneiro; à esquerda baixa um biombo; à direita uma cama de bancos e uma cadeira com uma perna só; calçado velho pelo chão, teias de aranha pelo tecto, lixo, etc....

Nota: as caras da família presente assemelham-se imenso aos quartos trazeiros das sete vacas magras do sonho do *Pharaó*.

SCENA 1.ª E ÚNICA

Ogolino (50 anos) — chega-te cá, *Ermelinda*, cola o ouvido ao meu estomago; vê se ouves rugir, se ainda bole, e diz... da tua justiça!

Ermelinda (mulher d'ele) — Não ruge nem bole. Que haverá?

Ogolino — Nada! Como não tinha que esmoer, esmoer-se a si próprio...

Ermelinda (aterida) — É vamos morrer todos de fome... e, para que a sociedade se salve de que morrerios, escreve ali na parede, *Ogolino*:

— Foi de fraqueza!

As crianças (num côro de dentes arreganhados) —

Temos fome queremos pão!

Ermelinda (num desespero) onde é que o tenho, escomungados! Lambi o ranho e calai-vos.

Os filhos (como uma salva de artilharia) —

— Pão, pão, pão. Queremos comer!

Ogolino (desvalrado) — Ai sim! É ele é isso?

(Vira-se à lambada a todos)

Pronto. Ai vai comida d'urso para todos!

Vicencia (a avó, resmungando) — Malvado! Nem as crianças podem ter fome...

Ogolino — Podem, sim senhora, podem ter fome com fartura; agora o que eu não admito é barulho! Cesse tudo quanto a antiga fome canta que outra lazeira mais alta se levanta. Uma ideia! Vamos morrer (vai dependurar os chifres de carneiro).

Ermelinda (pasmada) — Queres então matar-nos às marradas?!

Ogolino E' triste! (cai taciturno numa cadeira com os chifres nas mãos).

Ermelinda (uma ideia subita). E se nós comessemos a velha?

Ogolino — (caçando o cáco) — Com aquele génio rabugento é capaz de nos dar volta ao estomago se não se puzer a resmungar...

Ermelinda — Espera-se que adormeça.

Ogolino — Boa ideia!

Vicencia (do seu canto) *Ogolino*, *Ogolino* da Silva, tenha uma ideia salvadora. Faça alguma coisa. Então, não ha quem faça nada?

Rufino (um filho deles). Quero fazer cáca.

Ermelinda (reparando num miúdo a roer um tamanco). — Não comas o tamanco todo; deixa um bocadinho para os teus irmãos, que também são filhos de Deus.

Vicencia. — Deixa lá comer o pequeno... Olha lá se tu ralhas com o pai que está ali a roer os chifres todos.

Ermelinda (encolhendo os ombros) não faz mal. Depois arranjo-lhe outros...

Ermelinda — (Sem segrêdo) — Vamos mas é a vêr se a velha adormece. Espera! Já está a fechar os olhos!

(Passa-se meia hora. Lá fóra canta uma voz aninhada).

A pé, ó bitimos da fome!...

Ogolino — Que é?

Ermelinda — E' a ocasião...

Ogolino — De que?

Ermelinda — de comer a velha.

Ogolino — Cumpra-se o destino. Vais tu primeiro.

Ermelinda — Vai tu provar antes...

Ogolino (vai direito á velha; crava-lhe os dentes uma perna e rugue) — Maldição!! Quebrei cinco dentes! Esta velha é mais dura que um corno... só pode ser comida por quem não tiver dentes.

Ermelinda — Deita-se de molho.

Vicencia — (acordando) — Maroto! Malvado! E não enlouquece contemplando seu crime!...

Ogolino — Não enlouqueço?! Ora essa... com todo o gosto... (dá uma gargalhada louca, satânica).

— Louco! louco, sim! (com os olhos esgazeados, pega nos chifre e mata a família toda ás marradas) E agora? Falto eu. Mas com que me hei de matar?... Uma ideia! Eureka! O meu filho mais novo, tão magrinho e aguçado, presta-se ás mil maravilhas.

(Crava o filho na boca do estomago, cai, e exclama, deliciado). Que gôso! Morro consoladinho! Ha oito dias que não metia nada no estomago!

O pano cai com fraqueza.

Roberto.

É demais sabido que, quando colocamos ovos debaixo d'uma galinha (nunca se empregam ovos estrelados nem em omelete) uma pequena percentagem desses ovos *choca*, dando-se o grave inconveniente de a maior parte dar origem a pintainhos, muito trabalhosos de criar e de comer depois de criados.

Para obviar a esse grave inconveniente é que o génio criador dum pasteleiro esquimó; pescador de baleias à cana nas horas vagas, inventou um dispositivo admirável e a que deu o nome de *chocadeira*.

Graças a êle, a percentagem de ovos chocos aumentou consideravelmente, com prejuizo dos pintos, chegando mesmo algumas chocadeiras de óptimo funcionamento a fornecerem uma percentagem dos primeiros de 99,999 %.

Consistem essencialmente numa caixa onde os ovos são metidos cautelosamente e onde são sujeitos a uma temperatura determinada e de forma a não escapar nenhum ou escaparem poucos.

Por minha parte posso garantir os ótimos resultados do sistema da minha chocadeira, pois, de 36 vezes que trabalhou e num total de 3.600 ovos tive a agradável surpresa de só 13 ovos se estragarem, dando pintos. Os outros ficaram positiva e inegavelmente *chocos*.

Os ovos a empregar devem ser bem escolhidos e, quando algum suscite dúvidas sobre o seu bom estado, o mais pratico é parti-lo na borda dum prato; se estiver com a gema inteira e clara espessa é porque está bom.

Uma boa chocadeira dá lucros verdadeiramente assombrosos. Basta dizer que, dos 7.000000 de pasteis diários que se fabricam em Portugal, nem meio é fabricado com outro produto que não seja o óvo choco. É êle sempre que lhes dá o paladarsinho.

Conde de Pereira dos Alhos

Crónica Agrícola

A chocadeira

Não posso deixar de abordar, hoje, este magno problema das chocadeiras, aparelho que nos mostra a evidencia que quem nasceu primeiro foi o óvo. Sobre este assunto e para não estabelecer polémica com algum analfabeto de opinião contrária, não faço considerações e vou apenas limitar-me a fazer penetrar no bronco intellecto do assíduo leitor algumas ideias gerais sobre o problema das chocadeiras.

A chocadeira, como o nome parece indicar, não é nenhum aparato de fabricar água choca, nem neste artigo queremos abordar o tratamento de vinhos; é, única e simplesmente, uma máquina que serve para fazer chocar ovos.

!!! Dez Escudos !!!

Dão-se ao felizardo que indicar o paradeiro de certo cão «Vadio» que ladra uma vez por semana e que dá pelo nome de *REMEXIDO*.

IMPORTANTE: Anda desacomado e furioso.

(Sem pseudónimo).

Ex.^{mo} Snr.



João Manuel Pereira
Barbosa
Barbosa